

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CF ANDRÉ ARANDY CORRÊA DE SOUZA

O EMPREGO DAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS NO COMBATE À
GUERRILHA DO ARAGUAIA (1966 a 1975): à luz da teoria de contrarrebeldião de David

Galula

Rio de Janeiro

2018

CF ANDRÉ ARANDY CORRÊA DE SOUZA

O EMPREGO DAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS NO COMBATE À
GUERRILHA DO ARAGUAIA (1966 a 1975): à luz da teoria de contrarrebeldião de David

Galula

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval,
como requisito parcial para a conclusão do Curso
de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

2018

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. MODELO TEÓRICO DE CONTRARREBELIÃO DE DAVID GALULA	6
2.1. As características da guerra de contrarrebeldião	6
2.2. Apoio exterior	9
2.3. A estratégia da rebeldião	10
2.4. A vulnerabilidade do rebelde	15
2.5. Os princípios e leis da contrarrebeldião.....	16
3. EXPLICANDO E CONTEXTUALIZANDO A GUERRILHA DO ARAGUAIA.....	20
3.1. Conceitos importantes da Guerra Irregular	20
3.2. O “zeitgeist” da época (1966 – 1975)	22
3.3. O que foi a Guerrilha do Araguaia	24
3.4. A origem da Guerrilha do Araguaia e sua formação	26
4. O EMPREGO DAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS NO COMBATE À GUERRILHA	29
5. O CONFRONTO DO MODELO TEÓRICO DE GALULA COM A REALIDADE	35
5.1. As características da guerra de contrarrebeldião	35
5.2. Apoio exterior	38
5.3. A estratégia da rebeldião	39
5.4. A vulnerabilidade do rebelde	41
5.5. Os princípios e leis da contrarrebeldião.....	42

6. CONCLUSÃO	46
ANEXO A – Mapas da Guerrilha	48
ANEXO B – Parcela do Relatório Especial de Informações nº4/74 do CIE	51
REFERÊNCIAS	52

RESUMO

O propósito do presente estudo é analisar as ações de combate à Guerrilha do Araguaia (1966 – 1975) empregadas pelas Forças Armadas brasileiras à luz da teoria de contrarrebeldia de David Galula (1919 – 1967) para atestar a sua aderência. O conflito singular ocorrido na região norte do Brasil foi arquitetado pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB) com o objetivo de criar um foco de resistência rural que pudesse angariar a simpatia da população à causa comunista, criando um sentimento que pudesse se espalhar por todo o território nacional, ganhando notoriedade internacional e, com apoio internacional, chegando à tomada do poder político para implantar uma ditadura do proletariado. Em um contexto turbulento de pós Segunda Guerra Mundial, em que o mundo se encontrava ideologicamente dividido (comunismo *versus* capitalismo), protestos e manifestações populares se espalham pelo globo, no Brasil crescem grupos revolucionários, fortemente influenciados pelos movimentos da China e de Cuba, que se opõem ao regime militar (1964 – 1985). A atuação das Forças Armadas no Araguaia, empregando grandes contingentes, numerosos meios e muita inteligência, foi fundamental para o desfecho do conflito contra o movimento revolucionário no Araguaia. Ao final, a pesquisa atesta que o emprego das Forças Armadas brasileiras se coaduna com a teoria de Galula até a terceira fase da estratégia do rebelde (fase de guerrilhas), em virtude do movimento revolucionário do Araguaia não ter conseguido evoluir para as fases seguintes.

1. INTRODUÇÃO

O propósito deste estudo é realizar uma análise do emprego das Forças Armadas brasileiras no combate ao movimento revolucionário conhecido como Guerrilha do Araguaia (1966 – 1975) à luz da teoria de contrarrevolução de David Galula (1919 – 1967), considerando o contexto do Brasil e do mundo no período.

Para isso, iniciaremos adotando e explicitando os aspectos da teoria considerados no presente estudo: as características da guerra de contrarrevolução; os diversos tipos de apoios exteriores que o rebelde pode receber; a estratégia comumente empregada pelo rebelde com foco no modelo ortodoxo (comunista), tendo em vista que foi o modelo empregado no conflito em tela; a vulnerabilidade do rebelde, destacando seus principais pontos de fraqueza durante o processo perseguido pelo movimento revolucionário; e, por fim, os princípios e leis que os contrarrebeldes devem atentar para, segundo a teoria, alcançar êxito no combate.

Para um melhor entendimento do leitor, tentaremos explicar e contextualizar o conflito do Araguaia. Para tal, citaremos os conceitos julgados fundamentais que comumente causam confusão a quem não tem profundo conhecimento no assunto. A fim de evitar tais entendimentos equivocados, para este estudo utilizaremos os conceitos de guerras de guerrilha, terrorismo, insurreição, subversão, guerra de resistência e guerra revolucionária de Alessandro Visacro (1970 –).

Para contextualizar o leitor, começaremos citando o “zeitgeist”¹ da época, posteriormente uma breve explanação sobre o que foi a Guerrilha do Araguaia e, por fim, tentaremos explicar as origens deste movimento revolucionário. Em seguida, tentaremos contar mais detalhadamente como se desenvolveu o combate à guerrilha em tela, com fogo no

¹ Zeitgeist é uma palavra alemã que significa o espírito do tempo ou espírito da época; é o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo em uma certa época.

emprego das Forças Armadas brasileiras e seus vieses políticos e ideológicos, atentando para a conjuntura e preparando para a conexão com a teoria.

Em continuação, como próximo passo deste estudo, confrontaremos os aspectos descritos no desenvolvimento do combate à Guerrilha do Araguaia, realizado pelas Forças Armadas brasileiras com os aspectos, da teoria de contrarrebeldião de David Galula (1919 - 1967).

Por fim, concluiremos tentando mostrar se a realidade do emprego das Forças Armadas no combate à guerrilha na região do Araguaia coaduna ou não com a teoria de Galula, tentando explicar os motivos que levaram à aplicabilidade ou não da teoria nesse conflito singular.

Fique claro, contudo, que o propósito não é analisar o episódio considerando a versão dos guerrilheiros ou dos moradores da região, tampouco dos militares das Forças Armadas que atuaram nesse conflito, embora a maioria das publicações e documentos disponíveis aborde apenas o lado da guerrilha. Muito menos ainda, pretenderemos reconstruir a história da Guerrilha do Araguaia, trata-se apenas de uma análise equânime dos acontecimentos que envolveram a guerrilha contrapondo-a com a teoria.

2. MODELO TEÓRICO DE CONTRARREBELIÃO DE DAVID GALULA

Antes de começarmos o estudo da Guerrilha do Araguaia²(1966 – 1975) com enfoque no emprego das Forças Armadas brasileiras e sua aderência com o modelo teórico da contrarrebeldião de David Galula, é importante descrever alguns conceitos do autor. Sendo assim, neste capítulo apresentaremos os principais conceitos da rebeldião e contrarrebeldião no contexto da guerra irregular³ que, segundo Galula, irá apoiar este estudo.

Faz-se necessário também ressaltar a experiência do Coronel Galula, oficial do exército francês, que participou de vários conflitos, em especial a Guerra da Argélia, em que pôde vivenciar grande parte das observações que levaram a elaboração da sua obra *Teoria e Prática da Contrarrebeldião*, que será o modelo teórico utilizado para tentar desenvolver o estudo em tela.

A teoria de contrarrebeldião de Galula aplicada no combate à Guerrilha do Araguaia permitirá que este estudo ateste ou não a sua aderência com as ações dos militares das Forças Armadas brasileiras no decorrer desse conflito assimétrico.

2.1. As características da guerra de contrarrebeldião

a) Assimetria de forças

Segundo Galula, há uma assimetria desproporcional, principalmente no início, entre os dois lados da guerra revolucionária e esse fenômeno decorre da própria natureza da guerra. A iniciativa estratégica é do rebelde por definição, uma vez que somente ele pode dar início ao conflito (GALULA, 1966, p.21).

² Guerrilha do Araguaia foi um movimento guerrilheiro existente na região amazônica brasileira, ao longo do rio Araguaia, entre fins da década de 1960 e a primeira metade da década de 1970.

³ Guerra Irregular é uma guerra não convencional, conflito militar não formal, exemplos: terrorismo, guerrilha, insurreição, movimentos de resistência, rebeldião e conflitos assimétricos em geral.

De acordo com Galula, a estratégia do rebelde visará converter seu capital intangível em capital concreto e o contrarrebelle, por conseguinte, visará impedir que sua obrigação intangível dissipe seu capital concreto (GALULA, 1966, p.22).

Portanto, no decorrer do conflito o rebelde tende a crescer, se tornando cada vez mais forte na razão direta do seu êxito, enfraquecendo assim o contrarrebelle (GALULA, 1966, p.22 e 23).

b) Guerra prolongada

Uma rebelião é uma luta prolongada, levada a efeito metodicamente, paulatinamente, a fim de se alcançar objetivos intermediários específicos que levem finalmente à derrubada da ordem vigente (GALULA, 1966, p.20).

A natureza prolongada do conflito não resulta de uma intenção de nenhum dos lados, ela é imposta ao rebelde por sua debilidade inicial. Um pequeno grupo de líderes rebeldes precisa de tempo para organizar um movimento, criar e desenvolver forças armadas, chegar a um equilíbrio com seu adversário e sobrepujá-lo (GALULA, 1966, p.25).

c) Viés ideológico do rebelde

Uma avaliação de forças no início do conflito revela uma tremenda superioridade, em termos tangíveis, em favor do contrarrebelle. Desfrutando das prerrogativas de um governo estabelecido, ele tem todos os recursos materiais disponíveis e a legalidade, enquanto que o rebelde possui poucos ou nenhum desses recursos (GALULA, 1966, p.22).

Por outro lado, no campo dos fatores intangíveis, o rebelde possui um grande recuso que é a ideologia de uma causa para basear a sua ação (GALULA, 1966, p.22).

d) A conquista do povo

Acometido de debilidade congênita, o rebelde leva o conflito para a população, assim tem possibilidade de equilibrar suas desvantagens físicas. O poder político depende da

aquiescência da população, por isso, a batalha para conquistar o povo é uma das principais características dessa guerra (GALULA, 1966, p.22 - 23).

e) O preço do combate à rebelião

Considerando que o contrarrebelle não pode se eximir à responsabilidade de manter a ordem, a desproporção de despesas entre eles torna-se elevada (de 10 a 20 para 1, ou maior) e esta desproporção se evidencia quando o rebelde alcança os estágios iniciais de violência e recorre ao terrorismo⁴ e a guerrilha⁵ (GALULA, 1966, p.26).

Em virtude dessa disparidade de custos e esforço, o rebelde pode aceitar uma guerra prolongada, o contrarrebelle não deve fazê-lo (GALULA, 1966, p.27).

Dadas as suas características supracitadas, conforme o pensamento de Galula, a guerra de rebelião se resume a um conflito prolongado, devido ao tempo necessário ao equilíbrio de forças; e assimétrico, em que o elemento muito mais fraco (o rebelde), tem a seu favor somente a ideologia de uma causa e, por outro lado, o mais forte (o contrarrebelle) que, em via de regra, é um governo legalmente estabelecido, dispõe de todos os recursos pessoais e materiais do Estado.

O viés ideológico desse tipo de conflito é fundamental para angariar a confiança da população para o grupo rebelde.

A dinâmica do conflito, segundo Galula, se dá pelo rebelde tentando transformar sua ideologia em algo concreto, tendo a população como objetivo para equilibrar as forças, e o contrarrebelle tentando impedi-lo.

Ademais o contrarrebelle tem gastos muito elevados em relação aos gastos do rebelde, pois este utiliza táticas de guerrilha e terrorismo (nos estágios iniciais de violência)

⁴ Terrorismo é a forma pela qual grupos com ideologia específica buscam impor sua visão de mundo por meio de atos de violência física ou psicológica a fim de promover o medo e o terror.

⁵ Guerrilha é um tipo de guerra não convencional no qual o principal estratégia é a ocultação e extrema mobilidades de combatentes.

para atingir seus objetivos, enquanto o contrarrebelle tem a obrigação de manter a ordem tentando se prevenir destas ações, que são dificilmente previstas.

2.2. Apoio exterior

A fase inicial da rebelião exige pouco em matéria de equipamentos, armas, munições e explosivos, tanto no terrorismo quanto na guerrilha, contudo, quando chega o momento de o rebelde evoluir para uma forma mais complexa de operações com um exército regular, torna-se aguda a necessidades desses suprimentos (GALULA, 1966, p.53).

É neste momento que se torna importante o apoio exterior à rebelião. Caso contrário o rebelde terá que procurar estes itens localmente, por meio de saques, assaltos armados e contrabando, ações que podem ser consideradas impopulares.

Segundo o teórico Galula, o apoio exterior à uma rebelião pode se dar das seguintes formas (GALULA, 1966, p.53):

a) Apoio Moral

Apoio no qual o rebelde se beneficiará sem qualquer esforço da sua parte, desde que a causa se coadune com a “zeitgeist” da época no contexto mundial. O apoio moral se expressa na opinião pública por intermédio dos meios de comunicação, em que a propaganda é seu principal instrumento.

b) Apoio político

Este tipo de apoio tem aplicação direta de pressão no contrarrebelle, ou indireta, mediante ação diplomática em fórum internacional.

c) Apoio técnico

Apoio na forma de assessoria ao rebelde para a organização do movimento e para a conduta de suas operações políticas e militares.

d) Apoio financeiro

Este tipo de apoio pode ser direto ou indireto, geralmente oriundo de Estados que possuam algum tipo de interesse político ou econômico no sucesso do movimento rebelde.

e) Apoio militar

Este apoio pode ser por meio de intervenção direta ao lado do rebelde ou por meio de fornecimento de equipamentos ou treinamento, este último, geralmente ocorre de forma velada.

2.3. A estratégia da rebelião

Uma vez que a contrarrebeldião só existe para se contrapor ao movimento rebelde, a melhor maneira de executar este combate é estudando o *modus operandi*⁶ da rebelião, desenvolvendo meios para sobrepujá-la.

Segundo Galula, a história das guerras revolucionárias indica dois modelos estratégicos de rebelião, o modelo ortodoxo (comunista) e o modelo burguês-nacionalista (GALULA, 1966, p.59 - 75).

Para este estudo, vamos focar apenas no modelo ortodoxo (comunista), tendo em vista que a natureza do movimento que deu origem a Guerrilha do Araguaia, que é objeto deste estudo, tem raízes no pensamento comunista (Ex-URSS) influenciado pela bipolaridade do mundo no contexto reinante na época da Guerra Fria⁷ (1947 – 1991).

Para melhor entendimento da análise teórica do modelo ortodoxo (comunista), Galula divide a estratégia rebelde em cinco fases (GALULA, 1966, p.59 - 71):

a) Primeira fase: a criação de um partido

⁶ *Modus operandi* é uma expressão em latim que significa “modo de operação”. Utilizada para designar uma maneira de agir, operar ou executar uma atividade seguindo geralmente os mesmos procedimentos.

⁷ Guerra Fria é a designação atribuída ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os EUA e a Ex-URSS compreendido entre o final da Segunda Guerra Mundial (1947) e a extinção da URSS (1991).

O primeiro passo para um rebelde neste modelo, é a criação de um partido do proletariado⁸. A inserção do camponês no proletariado é uma condição *sine qua non*⁹, visto que a luta armada deve ser conduzida no campo. Como o proletariado não tem condições de produzir líderes competentes iniciais, estes devem ser buscados dentre os intelectuais e principalmente dentre os estudantes devido ao ardor da juventude, na formação do partido.

A intensidade e a longa duração das lutas tornam importante que o partido seja forte, disciplinado e experimentado. Além disso os candidatos devem ser selecionados por meio de um critério simples de sua classe de origem (proletariado).

A organização do partido deve ter uma vertente clandestina, além da ostensiva, para se defender de ações da contrarrevolução, bem como para ofensivas futuras (lutas de massa), quando o partido houver deflagrado a rebelião aberta.

Como afirma Galula, construir um partido revolucionário forte e digno de confiança é certamente a parte mais difícil da rebelião.

b) Segunda fase: frente unida

O segundo passo desta empreitada revolucionária, consiste em agregar aliados ao partido, em via de regra, simpáticos a causa comunista (viés ideológico e/ou político), porém com interesses diversos.

Uma grande frente unida com aliados dúbios será muito útil na consolidação e credibilidade do partido até o ponto em que passa a por em risco o programa básico da rebelião (o uso da violência para chegar ao poder só pode se dar por membros radicais). Uma vez que o partido esteja estabelecido no poder os aliados (membros moderados) não mais necessários ao partido, passam a ser descartados.

⁸ Proletariado é um conceito usado para definir uma classe antagônica à classe capitalista. O proletário consiste daquele que não tem nenhum meio de vida exceto a sua força de trabalho.

⁹ *Sine qua non* é uma expressão em latim que significa “sem o qual não pode ser”, refere-se a ação cuja condição é imprescindível.

Para não perder a sua identidade durante essa fase de alianças, o partido não pode fundir-se a outro partido, os elementos simpatizantes em que se pode confiar devem ser agrupados nas organizações de frente do partido.

Durante essa fase, a vertente clandestina do partido deve empenhar-se em ações subversivas visando prevenir e sabotar uma reação eventual do contrarrebelle, incitar as massas para promover lutas políticas e canalizar as atividades dos aliados na direção escolhida pelo partido com cuidado de prevenir qualquer cisão que venha ser prejudicial à frente unida. Contudo, as atividades rebeldes devem permanecer confinadas aos limites da legalidade e da não-violência. Com a prerrogativa da iniciativa das ações, o rebelde tem a possibilidade de protelar ou retroceder diante da ameaça de uma reação.

Somente o partido deve conduzir o movimento revolucionário. Lideranças enérgicas dentre os aliados devem ser aliciadas ao partido ou neutralizadas e somente o partido deve expandir-se, o partido aliado deve estagnar-se.

c) Terceira fase: guerrilhas

Uma vez que o rebelde não consiga ascender ao poder por vias legais, por meio do jogo político, a luta armada é a continuação lógica indispensável da empreitada revolucionária.

O rebelde escolhe o momento certo para esta transição, a época em que as condições estiverem amadurecidas, quando o contrarrebelle estiver enfraquecido por uma crise fortuita ou provocada, quando a subversão está produzindo efeitos, quando a opinião pública está dividida, quando é improvável uma intervenção externa a favor do contrarrebelle e quando o rebelde pode contar com apoios exteriores, principalmente os de cunho moral e militar.

A meta do rebelde nesta fase é a criação de uma força militar, porém isso só ocorre de maneira gradual, e até que esta força militar ganhe o vulto necessário, a única tática

possível é a guerrilha. Assim sendo, o primeiro objetivo desta fase é a sobrevivência do guerrilheiro e o objetivo final é a obtenção de bases sobre as quais o governo e a administração rebelde se estabelecerá, os recursos humanos serão explorados e as forças regulares serão criadas.

De acordo com a teoria de Galula, a cumplicidade da população é a chave para a sobrevivência do guerrilheiro e suas ações, no entanto, essa cumplicidade não deve ser confundida com simpatia, pois esta é uma característica inativa e a população, para ser útil ao movimento, deve ter uma participação ativa, que só é alcançada pelo partido político atuando de dentro da população apoiando pela força (pelotões de guerrilheiros) os líderes locais aliados, eliminando os inimigos abertos e intimidando os potenciais.

Os rebeldes tendem a operar em locais onde os laços entre a população aliciada com a organização do movimento revolucionário estejam fortalecidos, locais que estejam próximos dos centros de poder, onde o acesso geográfico das forças de contrarrevolução possa ser dificultada e, quando possível, esteja próximo das regiões de fronteira para dificultar a reação do contrarrebelle.

A desmoralização das forças inimigas (contrarrebelle) é fundamental nesta fase, e a forma mais eficaz de se atingir é instituindo políticas de leniência em relação aos elementos aprisionados, em decorrência dos confrontos, a fim de tentar cooptá-los para se unirem ao movimento.

d) Quarta fase: guerra móvel

A atividade guerrilheira, que é tão barata e de execução tão dispendiosa para o contrarrebelle, tendo sua atuação muito prolongada pode alienar a população e desintegrar a frente unida. Por esse motivo, faz-se necessário a criação de um exército regular para fazer frente às forças contrarrebeldes.

Segundo Galula, o momento para a criação de um exército regular deve ser muito bem escolhido, para não perder a cumplicidade da população com uma tática de guerrilha prolongada e, tão pouco, correr o risco de expor seus homens, com a falta de estrutura e de bases bem estabelecidas com a criação prematura deste exército regular.

Nesse contexto, faz-se necessário a busca por suprimentos e o armamento é a maior dificuldade. A quantidade e variedade de armas e equipamentos bélicos é um fator limitador deste processo de expansão das forças rebeldes. Dessa forma, resta ao movimento duas alternativas para mitigar esta limitação, a captura de armas e equipamentos dos contrarrebeldes ou fornecimento do exterior. Dentre essas alternativas, a captura do inimigo é a que caracteriza as ações dos rebeldes nessa fase.

O alvo do rebelde nesta fase está em transformar áreas ocupadas¹⁰ em áreas guerrilheiras¹¹, áreas guerrilheiras em bases guerrilheiras¹², que proporcionará, ao final do conflito, com o sucesso da rebelião, que estas bases guerrilheiras passem a atuar como bases regulares em um novo governo estabelecido pelo partido comunista.

e) Quinta fase: campanha de aniquilação

À medida que o poderio do rebelde aumenta e o do contrarrebeldede diminui, até que, em um dado momento ocorre o equilíbrio de forças. Nesse momento, a população local deve estar mobilizada, a estrutura militar e política devem estar sólidas e, finalmente, a superioridade psicológica do rebelde.

A partir de então, o volume de operações rebeldes aumenta consideravelmente de forma rápida visando a completa aniquilação do inimigo.

¹⁰ Áreas ocupadas são áreas sob o controle político e militar do contra rebelde, onde o rebelde só atua clandestinamente.

¹¹ Áreas guerrilheiras são áreas onde os governos e forças contra rebeldes estão em constante confronto com as forças rebeldes.

¹² Bases guerrilheiras são bases com tropas rebeldes em plena atividade sob o controle político e organizado do movimento rebelde em que, de modo geral, o inimigo é incapaz de penetrar.

2.4. A vulnerabilidade do rebelde

No modelo ortodoxo da estratégia rebelde, a atuação do movimento revolucionário ocorre num ambiente onde existe tolerância à oposição política. Assim, durante as duas primeiras fases (criação de um partido e frente unida) a vulnerabilidade do rebelde depende diretamente da tolerância do contrarrebelle (GALULA, 1966, p. 73).

O início da fase de guerrilhas (terceira fase) é um momento de extrema vulnerabilidade do rebelde, em que as forças revolucionárias e seus recursos são escassos enquanto o poderio contrarrebelle é máximo e pode facilmente destruí-lo (GALULA, 1966, p. 73).

No início da quarta fase (guerra móvel), também é um momento de extrema vulnerabilidade, quando a operação rebelde evolui de guerrilha para exército regular, passando então a oferecer alvos mais definidos para a contrarrebelle (GALULA, 1966, p. 73 - 74).

Esta transição de atuação da guerrilha para o emprego de um exército regular é um momento de extrema vulnerabilidade para o movimento revolucionário, isso porque a guerrilha prolongada, como foi exposto acima, fragiliza sua atuação.

Por outro lado, caso o exército regular a ser criado não for suficientemente estruturado, em termos de suprimentos e pessoal, para fazer frente ao exército das forças do governo estabelecido, será facilmente derrotado.

De acordo com o autor, transpondo esse último entrave o rebelde não é mais vulnerável (GALULA, 1966, p. 74).

2.5. Os princípios e leis da contrarrebeldia

Como afirma Galula em sua teoria, a estratégia da guerra convencional é conquistar o território inimigo e destruir suas forças (GALULA, 1966, p. 83).

No caso de uma guerra de contrarrebeldia que emprega táticas de guerrilha, em que o inimigo não possui território definido e não luta por ele, torna muito dificultado o seu combate, fazendo necessário a adoção de uma estratégia específica. Para tal, Galula definiu princípios e leis da contrarrebeldia que serão descritos a seguir (GALULA, 1966, p. 86 - 96):

a) Primeira lei: apoio da população

O apoio da população é tão importante para o contrarrebeldia como é para o rebeldia. Uma vez que a rebeldia só existe com o apoio da população local e é pautada na sua cumplicidade, buscar meios para mitigar este vínculo do rebeldia com a população, ou até mesmo evitar que ele ocorra, logicamente, passa a ser uma eficaz estratégia de combate ao movimento.

A despeito da desvantagem ideológica do contrarrebeldia e do avanço obtido pelo rebeldia ao contingenciar a população, é aí que a luta deve ser conduzida.

b) Segunda lei: minoria ativa

Segundo Galula, em qualquer situação, qualquer que seja a causa, haverá uma minoria ativa a favor da causa, uma minoria neutra e uma minoria ativa contra a causa. Com isso, a segunda lei propõe que o contrarrebeldia deve apoiar a minoria favorável (contra a causa), congrega a minoria neutra e eliminar a minoria hostil (a favor da causa).

Esta lei é de difícil implementação em virtude de desvantagem ideológica, mas não pode ser negligenciada, a custo de ter uma guerra civil prolongada e desgastante. Nesse contexto, faz-se fundamental convencer a população local, utilizando a minoria ativa, de que

a causa e a situação do contrarrebelle são melhores que a do rebelde. Para isso é importante o contrarrebelle encontrar uma “contra causa” aceitável.

c) Terceira lei: ação política na população dominada

Uma vez que a rebelião tenha conquistado o apoio da população e tenha estabelecido seu domínio sobre ela, pressupõe que a minoria que lhe era hostil torna-se adormecida e não poderá aparecer até que a ameaça rebelde seja afastada a um ponto razoável.

Com isso, a ação política efetiva sobre a população deve ser precedida a operações militares.

d) Quarta lei: intensidade de esforços e magnitude de meios

As operações necessárias para afastar da população a ameaça do rebelde e para convencê-la que o contrarrebelle acabará por vencer são de natureza intensiva e de longa duração, exigindo grande concentração de esforços, recursos e pessoal, e devem ser aplicados sucessivamente área por área.

e) Princípios da estratégia contrarrebelle

Segundo a teoria de Galula, a estratégia de combate a rebelião é balizada, em via de regra, em princípios tais: Conquista de área selecionada (uma por vez); Economia de forças; Irreversibilidade; Iniciativa; Plena utilização das vantagens pelo contrarrebelle; Simplicidade; e Controle de área conquistada.

O princípio da **conquista de área selecionada** consiste em concentrar forças para destruir ou eliminar o principal corpo de rebeldes daquela área, se instalar nas localidades em que vive a população, cortar os laços do povo com os guerrilheiros, destruir organizações políticas rebeldes, instituir novas autoridades locais, agrupar e educar os líderes num movimento político nacional e conquistar e suprimir os últimos resíduos rebeldes. Esse

processo deve ser realizado nessa ordem e de modo sucessivo, em cada área sob o domínio rebelde.

Visto que esse tipo de conflito tende a se prolongar no tempo e no espaço, a **economia de forças** torna-se vital para o contrarrebelle. A conquista de área selecionada deve ser realizada muito bem planejada, de forma a não despender muitas forças, uma operação de grande vulto, não pode pôr em risco outras áreas já conquistadas, para evitar que o rebelde passe para o próximo estágio estabelecendo bases para organizar um exército regular.

O princípio de **irreversibilidade** se dá pela influência do contrarrebelle na população de uma área conquistada, quando as tropas passam a viver na população, lhe proporcionando proteção, o poder do rebelde não pode ser reestabelecido facilmente.

O princípio da **iniciativa** é de cunho ofensivo, o contrarrebelle pode escolher a área onde vai despender o esforço principal, deixando o rebelde na defensiva.

O princípio de **plena utilização das vantagens pelo contrarrebelle** consiste em concentrar os esforços sobre a população, assim, pressionando a população, o contrarrebelle reduz ao mínimo a rigidez do rebelde e faz pleno uso de suas vantagens.

Simplicidade de conceituação e de execução é uma exigência importante, que se faz em qualquer doutrina contrarrebelle. A estratégia proposta é obter o apoio da população encontrando e organizando as pessoas que estejam ativamente a favor do contrarrebelle, utilizando ações políticas, de serviços públicos e sociais precedentes às ações militares, caso necessitem.

Realizando paulatinamente o processo de conquista de área selecionada, o contrarrebelle ganha um meio de avaliar a qualquer tempo a situação e os progressos realizados, assim, pode exercer o **controle das áreas conquistadas**, e dirigir a guerra pela transferência de meios de uma área mais retardada para uma área mais avançada.

Diferente de uma guerra convencional, nesse tipo de conflito a transição da paz para a guerra é muito gradual. O objetivo é a população. Ações militares e políticas não podem ser separadas e a ação militar não pode ser a forma principal de ação. É importante estudar e entender a estratégia do rebelde e suas especificidades para bem aplicar as leis e princípios da estratégia contrarrebeld.

3. EXPLICANDO E CONTEXTUALIZANDO A GUERRILHA DO ARAGUAIA

Neste capítulo tentaremos explicar e contextualizar o conflito do Araguaia. Para tal, iremos citar os conceitos julgados fundamentais da guerra irregular, contextualizar o “zeitgeist” do Brasil na época, explicar o que foi a Guerrilha do Araguaia e sua origem.

3.1. Conceitos importantes da guerra irregular

A guerra irregular é todo conflito não convencional. Possui uma série de variações como: guerra civil; guerrilha; terrorismo; insurreição; subversão; guerra de resistência; guerra revolucionária; e demais conflitos assimétricos. Para este estudo, vamos utilizar os conceitos da guerra irregular de Alessandro Visacro em sua obra *Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*.

a) Guerra de guerrilhas

A guerra de guerrilhas é um dos principais tipos de guerra irregular que, em via de regra, é empregado por forças menor poder militar. Visacro define guerra de guerrilhas como:

Forma de guerra irregular que abrange as operações de combate e todas as atividades de apoio correlatas. É conduzida por forças predominantemente locais, de modo ostensivo e coberto. Fundamenta-se na surpresa, rapidez, ataque a pontos fracos, familiaridade com o terreno e, sobretudo no apoio da população. Compreende, de um modo geral, as incursões, emboscadas, ações de propaganda armada, operações de inquietação, destruição e eliminação (VISACRO, 2009, p. 260 - 261).

b) Terrorismo

O terrorismo, assim como a guerra de guerrilhas, é uma vertente importante da guerra irregular que, em via de regra, também é empregado por grupos com menor poder militar.

Visacro define terrorismo como uma violência premeditada e politicamente motivada perpetrada contra alvos não combatentes por grupos subnacionais ou agentes clandestinos, normalmente com a intenção de influenciar um público alvo (VISACRO, 2009, p. 261).

c) Insurreição

Visacro define insurreição como uma sublevação popular desprovida de motivação ideológica, fundamentada, apenas em reivindicações políticas, sociais e/ou econômicas específicas e limitadas, como a concessão de direitos ou a restituição de prerrogativas (VISACRO, 2009, p. 224).

d) Subversão

A subversão é um tipo singular de guerra irregular que, segundo Visacro, consiste em uma forma de guerra irregular baseada em ações essencialmente psicológicas, diretas e indiretas, ostensivas e cobertas, legais ou clandestinas, armadas ou não. Essas ações são concebidas e conduzidas com propósito de obter o enfraquecimento da estrutura psicossocial, política, econômica, científico-tecnológica e militar de um determinado regime (VISACRO, 2009, p. 260).

e) Guerra de resistência

A guerra de resistência, na definição de Visacro, é um conflito armado conduzido por nacionais contra uma força de ocupação estrangeira. Tem por objetivo estabelecer as garantias de sobrevivência da população, a integridade territorial, a unidade política, a soberania e/ou a independência, total ou parcialmente comprometidas pela intervenção externa (VISACRO, 2009, p. 223).

f) Guerra revolucionária

A guerra revolucionária é um conceito fundamental para o escopo deste estudo. Visacro define como uma forma peculiar de luta armada que compreende as ações no campo

militar de um fenômeno político-social bem mais amplo, de cunho extremista, destinado à conquista do poder, à transformação violenta da ordem vigente e à implantação de um “novo” sistema calcado em preceitos ideológicos (VISACRO, 2009, p. 224).

É importante salientar que estes conceitos não são excludentes. Eles se misturam e normalmente ocorrem de forma concomitante.

Esses conceitos serão de suma importância para o melhor entendimento do desenvolvimento deste estudo, sobretudo para que o leitor possa diferenciar estes conceitos que, por vezes, são utilizados na literatura com significados similares. Expondo assim seu real significado no contexto da Guerrilha do Araguaia.

3.2. O “zeitgeist” da época (1967 – 1975)

Ao final da década de 1960, no mundo, ondas de agitação e protestos inflamavam vários países, a atuação da classe operária coincidiu com a atuação de partidos comunistas mais influentes. Movimentos, de caráter mais políticos, culminaram em confrontos diretos com autoridades governamentais (DOMINGUES e LEITE, 1996, p. 337).

Na América Latina os movimentos protestavam contra as ditaduras militares, líderes latino-americanos, como Fidel Castro¹³ (1926 – 2016) e Ernesto “Che” Guevara¹⁴ (1928 – 1967), inspiravam a luta e o engajamento político na região (DOMINGUES e LEITE, 1996, p. 337).

Os Estados Unidos da América (EUA) iniciaram a década de 1970 com a primeira derrota militar da sua história: a Guerra do Vietnã (1964 – 1974). Jovens estadunidenses se

¹³ Fidel Alejandro Castro Ruiz foi um político e revolucionário cubano que governou a República de Cuba como primeiro-ministro de 1959 a 1976 e depois como presidente de 1976 a 2008. Liderou, junto com Che Guevara, a revolução cubana (1953-1959) que derrubou o governo de Fulgêncio Batista em 1959.

¹⁴ Ernesto Guevara de la Serna, conhecido como Che Guevara, foi um guerrilheiro, político, jornalista, escritor e médico argentino. Foi um dos ideólogos e comandantes que lideraram a revolução cubana (1953-1959).

mobilizavam em comícios e passeatas para protestar contra a guerra cuja a causa não aceitavam (DOMINGUES e LEITE, 1996, p. 337).

Com o pretexto de que qualquer ameaça a um Estado socialista era um risco para o socialismo como um todo, Leonid Brejnev¹⁵ (1906 – 1982) na extinta União das Repúblicas Socialistas Soviética (Ex-URSS) invadia países no seu entorno, como Tchecoslováquia em 1968 e o Afeganistão em 1979, sob forte protesto dos EUA (DOMINGUES e LEITE, 1996, p. 338).

Em meados da década de 1970, golpes de Estado, ações terroristas e ditaduras militares ocorriam em vários países (DOMINGUES e LEITE, 1996, p. 338).

No Brasil não foi diferente, em 1964 se instaurava no governo o Regime Militar Autoritário¹⁶ (1964 – 1985), que provocou importantes alterações em vários setores da vida nacional (DOMINGUES e LEITE, 1996, p. 340).

Nesse período, no Brasil, considerava-se mais importante combater a guerra revolucionária do que a guerra nuclear. A guerra revolucionária no Brasil ganhou um viés de luta comunista, que potencializasse os problemas sociais, como insuflar greves, reivindicar divisões de terras, questionar a autoridade política, exigir melhores salários, denunciar distorções sociais e outras (DOMINGUES e LEITE, 1996, p. 341).

Skidmore, em sua obra *Uma História do Brasil*, afirma que o “Golpe militar de 1964” não havia estimulado nenhuma resistência armada imediata e significativa, mas a crescente repressão do governo provocou gradualmente uma oposição armada, que veio à tona em 1969 (SKIDMORE, 1998, p. 232).

Todos esses fatos históricos servem para expor o contexto conflituoso que assolava o mundo no pós Segunda Guerra Mundial. O mundo bipolarizado sofria forte influência política-ideológica (socialismo versus capitalismo) das duas potências que

¹⁵ Leonid Ilitch Brejev foi o estadista soviético que esteve à frente da liderança da ex-URSS entre 1964 a 1982.

¹⁶ Regime Militar Autoritário é uma forma de governo militar caracterizado por obediência absoluta à autoridade.

protagonizavam a Guerra Fria (1947 – 1991), EUA e a Ex-URSS. E no Brasil, particularmente após a instauração do Regime Militar, fica claro que esses antagonismos ideológicos se caracterizam pelos grupos simpatizantes do modelo capitalista estadunidense representados pela situação (governo) e os grupos de oposição ao governo, legítimos e clandestinos simpatizantes do modelo socialista-comunista soviético.

Em uma época onde o mundo passava por diversas mudanças comportamentais humanas, onde ocorrem ondas de protestos e manifestações públicas, luta por liberdades e direitos sociais. Esse contexto, aliado a crescente influência ideológica comunista socialista e a repressão do governo militar, fez do Brasil em um ambiente propício ao surgimento de movimentos revolucionários que deram origem a Guerrilha do Araguaia.

3.3. O que foi a Guerrilha do Araguaia

A História nos mostra que, por diversas vezes, houve grupos de pessoas que, por várias razões, não aceitaram o *status quo*¹⁷ e postularam medidas de mudança social, ainda mais em um ambiente de diferenças social latentes em um contexto mundial de lutas por ideais. O Brasil no governo militar (1964 – 1985) é o “celeiro” perfeito para o desenvolvimento desses grupos.

A Guerrilha do Araguaia foi um movimento de luta armada que ocorreu na região do Araguaia¹⁸ (ANEXO A, mapa 1) entre os anos de 1966 e 1975 para se opor ao regime militar.

¹⁷ *Status quo* é uma expressão em latim que significa o estado das coisas. No contexto do estudo tem a ideia de não alterar o modelo sócio econômico reinante.

¹⁸ Araguaia é a região localizada às margens do rio Araguaia, próximo às cidades de São Geraldo do Araguaia e Marabá no estado do Pará e da cidade de Xambioá no norte do estado do Tocantins.

Tinha como inspiração os movimentos revolucionários socialistas que ocorreram na China (1949), Cuba (1959), Albânia (1944) e Vietnã (1955) (Relatório da CNV, 2014, p. 682).

Somente como luta armada o movimento durou de 1972 a 1974, embora as atividades preparatórias na região tivessem levado ainda mais tempo (MOURA, 1979, p. 16).

A zona guerrilheira da região do Araguaia tinha 7200km² de florestas e grandes rios e onde viviam cerca de 20 mil habitantes. Além dos efetivos do próprio Partido Comunista do Brasil (PCdoB), o movimento, no início, contava com 73 combatentes e cerca de 200 habitantes locais (AMORIM, 2014, p. 24).

O movimento foi capitaneado pelo PCdoB e liderado por seus militantes, tais como Oswaldo Orlando da Costa (1938 – 1974), João Carlos Haas Sobrinho (1941 – 1972), José Huberto Bronca (1934 – 1974), Divino Ferreira de Souza (1942 – 1973), Miguel Pereira dos Santos (1943 – 1972), Micheas Gomes de Almeida (1934 -) e Ângelo Arroyo (1928 – 1976) (Relatório da CNV, 2014, p. 682).

Os guerrilheiros do PCdoB queriam promover uma revolução no Brasil, derrubar o governo do regime militar para implantar um governo socialista (AMORIM, 2014, p. 23).

Segundo Studart em sua obra *A Lei da Selva*, o saldo da guerrilha teria sido: dos 107 guerrilheiros, 64 teriam morrido, 18 teriam desaparecidos, 15 foram presos e sobreviveram, 7 teriam desertado, 2 teriam cometido suicídio e 1 teria sofrido “justiçamento”¹⁹ (STUDART, 2006, p. 33).

Clovis Moura transcreve que o jornal O Estado de São Paulo numa postagem de setembro de 1972 dá uma relação das unidades das Forças Armadas brasileiras em operação no Araguaia. Do Exército participaram o Batalhão de Guarda Presidencial, 8º Grupo de Artilharia Antiaérea, Regimento de Cavalaria de Guarda, Polícia do Exército de Brasília; 10º

¹⁹ Justiçamento é a expressão usada para denominar a prática de julgamento e eliminação de pessoas consideradas traidoras dos movimentos revolucionários durante o Regime militar (1964 – 1985).

Batalhão de Caçadores de Goiânia, 6º Batalhão de Caçadores de Ipameri, 36º Batalhão de Infantaria de Uberlândia, forças do Comando Militar da Amazônia e da 12ª Região Militar. Da Aeronáutica participaram unidades da 1ª Zona Aérea de Belém, da 6ª Zona Aérea de Brasília e da 3ª Zona Aérea do Rio de Janeiro. Da Marinha toma parte o Grupamento de Fuzileiros Navais de Brasília (MOURA, 1979, p. 44).

3.4. A origem da Guerrilha do Araguaia e sua formação

A origem da Guerrilha do Araguaia pode ser identificada com a própria emergência do PCdoB, no seio do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que até 1960 chamava-se Partido Comunista do Brasil (Relatório da CNV, 2014, p. 681).

A Doutrina de Segurança Nacional (DSN) do governo militar (1964 – 1985) apontou, na época, quatro circunstâncias favoráveis ao surgimento do movimento revolucionário brasileiro: despreparo e ineficiência das elites políticas; inadequação da estrutura política e das instituições governamentais para atender as questões de segurança nacional; ingenuidade política do povo brasileiro, tornando-o facilmente influenciável à ideologia comunista; e as disparidades do crescimento nacional, evidenciadas por regiões desenvolvidas e industrializadas cercadas por imensas áreas subdesenvolvidas e agrárias além das acentuadas diferenças sociais (DOMINGUES e LEITE, 1996, p. 341).

Carlos Amorim, em sua obra *Araguaia: histórias de amor e de guerra*, afirmou que não foram os militantes de esquerda que deram início à luta armada na região do Araguaia, foram os jagunços e pistoleiros dos grandes proprietários de terra de outras partes do Brasil cobiçando as riquezas da região contra a resistência feita pelos humildes habitantes locais, em geral, com cartuchos e facões. Esse conflito, que iniciou em 1966, está na base do evento histórico que ficou conhecido como “Guerrilha do Araguaia” (AMORIM, 2014, p. 23).

Amorim diz que o PCdoB entendeu que aquele local que fervilhava em pequenos conflitos pela posse da terra e contradições sociais, reunia as condições objetivas para a deflagração do movimento guerrilheiro (AMORIM, 2014, p. 24).

Já Clóvis Moura em sua obra *Diário da Guerrilha do Araguaia*, dá a entender que os guerrilheiros ocupam a região fugidos da perseguição nas grandes cidades, principalmente São Paulo, para viver pacificamente com os habitantes locais que, além de viverem em um lugar com total ausência de serviços públicos, a única presença do estado é da polícia que oprime e extorpe a população. Passados 2 anos dessa convivência harmoniosa, os guerrilheiros já dominam a região e seu modo de vida (MOURA, 1979, p. 17 – 32).

Moura continua dizendo que, com a aproximação da Transamazônica e a expectativa de implantação de grandes empreendimentos capitalistas no local com apoio do governo, várias famílias são intimadas pela polícia e por pistoleiros a abandonar seus lares e, segundo Moura, as Forças Armadas dão cobertura aos grileiros²⁰, fazendo crescer o ódio contra as expulsões arbitrárias, e o Estado-Maior do Exército programa uma espetacular manobra militar na região do Araguaia para amedrontar os povos e dissuadir possíveis resistências (MOURA, 1979, p. 32 - 34).

O Relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV) fala que, embora não fique especificado como se deu o processo de luta, o PCdoB reafirmou o entendimento de que, em determinado momento do processo de reformas democratizantes e anti-imperialistas, as forças da reação usariam de violência, impondo aos comunistas o caminho da resistência armada em nome do processo revolucionário (Relatório da CNV, 2014, p. 681).

Na narrativa de Moura sobre os eventos que deram origem às hostilidades entre guerrilheiros e as Forças Armadas no Araguaia, percebe-se uma certa parcialidade, tendo em vista que é uma obra votada a mostrar o lado da história contado pelos guerrilheiros,

²⁰ Grileiro é a pessoa que se apodera ou procura se apossar de terras alheias, mediante falsas escrituras de propriedade.

induzindo ao leitor uma ideia simplista de que foi um conflito puramente “romântico”, uma luta do pobre trabalhador rural contra os grandes empresários e proprietários de terra apoiados por um governo “opressor” ocupado por militares das Forças Armadas, quase que “obrigando” os guerrilheiros à luta armada.

Embora não se possa afirmar categoricamente o real motivo da migração dos diversos integrantes dos movimentos revolucionários existentes no Brasil para a região do Araguaia e lá se estabelecer

Este estudo nos leva a crer que, num primeiro momento, uns poucos revolucionários foram para aquela área com o intuito de fugir da perseguição política que sofriam nas grandes cidades e, se aproveitando da situação de disputa de terra e por orientação do PCdoB para se infiltrar na população local, angariar sua confiança e explorar o terreno.

Em um segundo momento, conforme o movimento ganha vulto e notoriedade entre os revolucionários e entre os habitantes, novos adeptos à causa (luta do trabalhador rural pobre contra o grande empresário/proprietário de terra “apoiado” pelo governo “opressor”) se juntam ao movimento.

4. O EMPREGO DAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS NO COMBATE À GUERRILHA

Neste capítulo o presente estudo vai abordar detalhes do desenvolvimento do emprego das Forças Armadas no combate à Guerrilha do Araguaia para melhor confrontá-lo com a teoria de contrarrebeldião de David Galula (1919 – 1967), e por fim citar alguns desdobramentos importantes deste conflito e suas consequências para o Brasil de hoje.

O movimento começa em 1966, com a chegada dos primeiros guerrilheiros na região (STUDART, 2006, p. 16).

Em 1972, a guerrilha começa a organizar a resistência armada. Os que tinham escapado para a mata coordenam-se e criam três destacamentos (MOURA, 1979, p. 37).

Para esse conflito, as Forças Armada brasileiras utilizaram o gigantesco sistema de inteligência, criado para combater a guerrilha urbana, que passou a atuar como polícia política do regime (STUDART, 2006, p. 14).

Os guerrilheiros estavam divididos em três destacamentos A, B e C (ANEXO A, mapa 2). O primeiro choque dos guerrilheiros com as Forças Armadas brasileiras ocorre com os integrantes do destacamento B em abril de 1972, durante a primeira campanha, um grupo do Exército que estava indo para Santa Cruz (região da Serra da Andorinha no sul do Pará) (ANEXO A, mapas 2 e 3) se defronta com os guerrilheiros, um sargento foi morto e um soldado ferido. O destacamento guerrilheiro não tem baixas (MOURA, 1979, p. 39).

Em maio do mesmo ano, ainda na primeira campanha, um grupo do destacamento C acampado na região de Caiano (no estado do Pará) (ANEXO A, mapa 2) sofre um ataque do Exército, em que um soldado fica gravemente ferido e um guerrilheiro é aprisionado. Em meados do mesmo mês ocorre outro choque na mata, mas agora com um grupo de paraquedistas do Rio de Janeiro-RJ e uma patrulha do 2º Batalhão de Infantaria de Selva de

Belém-PA onde, depois de um intenso tiroteio, um sargento paraquedista é gravemente ferido (MOURA, 1979, p. 39).

Em junho de 1972 o destacamento C realiza uma operação contra a sede de um castanhal²¹ com objetivo de arrecadar gêneros alimentícios, querosene e pilhas para lanternas. Nessa ocasião o administrador do local é intimado a fornecer as mercadorias enquanto os guerrilheiros fazem propaganda do movimento revolucionário (MOURA, 1979, p. 40).

Em julho um grupo de guerrilheiros do destacamento B se encontra acidentalmente com uma patrulha do Exército nas proximidades da Fazenda Grota Vermelha (próximo à São Geraldo do Araguaia no estado do Pará) (ANEXO A, mapa 2), onde ocorre confronto, porém não há mortos e não são feitos prisioneiros nos dois lados. Neste contexto termina a primeira campanha contra as Forças Guerrilheiras do Araguaia (FGA) (MOURA, 1979, p. 41 - 42).

Em setembro de 1972 as Forças Armadas retornam à região para a segunda campanha com um efetivo bem maior (MOURA, 1979, p. 43).

A segunda campanha se inicia com as Forças Armada utilizando guerra psicológica, com a distribuição de boletins desencorajando os guerrilheiros para a luta, e ações benignas visando quebrar o vínculo da população local com os guerrilheiros e colher informações. Os ataques se iniciaram com o lançamento de bombas nas proximidades de Palestina-PA (ANEXO A, mapa 3), onde se encontrava o destacamento B, com o objetivo de amedrontar os combatentes populares (MOURA, 1979, p. 44 – 45).

As Forças Armadas, na segunda campanha, realizaram uma operação de guerra convencional, batizada como Operação Papagaio e, diferente da primeira campanha, empregam tropas profissionais, uma brigada de infantaria, forças especiais da Brigada

²¹ Castanhal é um extenso aglomerado de castanheiras em determinada área onde ocorre a atividade de extração da castanha do Brasil para fins comerciais.

Paraquedista, um contingente de Fuzileiros Navais e uma Ala da Força Aérea (STUDART, 2006, p. 41).

Ainda em setembro de 1972, ocorrem vários confrontos entre as Forças Armadas e os destacamentos B e C, em que ocorrem baixas de ambos os lados. Em outubro as Forças Armadas se retiram e assim termina a segunda campanha (MOURA, 1979, p. 45 – 48).

Entre a segunda e a terceira campanhas, conforme descreve Studart, houve um período de trégua. Nesse período as Forças Armadas promovem ações de reconhecimento, assistência à população e infiltração de agentes de inteligência no movimento (cerca 35 agentes foram infiltrados aos guerrilheiros). Essa operação de infiltração foi batizada de Operação Sucuri (STUDART, 2006, p. 42).

Com a retirada das tropas, começam os preparativos para a terceira campanha, tanto dos guerrilheiros como das Forças Armadas, essa fase dura quase um ano. Neste período, o Exército aumenta significativamente seus efetivos na Amazônia e recruta “mateiros”²² na região. Da mesma forma, o Comando das Forças Guerrilheiras toma uma série de medidas visando recrutar e treinar populares para a guerrilha, e promover a causa revolucionária para a população local (MOURA, 1979, p. 50 – 52).

Em 7 de outubro de 1973, terminam os preparativos e inicia a terceira campanha. A ação das Forças Armadas nessa campanha é muito mais organizada e de maior vulto. Inicialmente as tropas do governo ocupam diversas localidades da região e plantam-se em vários pontos da floresta, formando um cerco às bases guerrilheiras para evitar a retirada dos rebeldes. A primeira parte da ofensiva das Forças Armadas dirige-se contra a população, muitos populares são presos (MOURA, 1979, p. 59).

²² Mateiro é o indivíduo que mora e trabalha em região de selva e tem um profundo conhecimento das florestas.

Nos meses seguintes, os guerrilheiros seguem realizando ações de fustigamento e emboscadas às tropas das Forças Armadas que, intensificam seus ataques, nesses confrontos ocorrem baixas dos dois lados (MOURA, 1979, p. 61 - 63).

Na terceira campanha, batizada pelas Forças Armada de Operação Marajoara, foi a campanha decisiva, com a missão de extirpar os guerrilheiros com o máximo rigor e precisão cirúrgica (STUDART, 2006, p. 42).

Dentre os fatores que poderiam explicar o vulto e o caráter decisivo da terceira campanha, como descreve Studart, seria que, no regime militar, havia forte temor de a Albânia, a China ou algum Estado socialista reconhecesse o Araguaia como uma região autônoma, independente do Brasil (STUDART, 2006, p. 34).

Pela narrativa dos militares na obra de Hugo Studart, entre o final de 1974 e início de 1975, os comandantes militares deram a guerrilha como completamente debelada (STUDART, 2006, p. 34).

Segundo Studart, depois da derrota, o PCdoB difundiu uma estrondosa vitória no Araguaia e começou a divulgar no exterior que teria o controle do território (STUDART, 2006, p. 45).

Analisando a atitude do partido comunista em divulgar uma vitória inexistente, aliada ao fato de haver receio do governo militar em um reconhecimento dessa região como independente pelos Estados socialistas, pode-se presumir que foi uma tentativa “desesperada” de, por meio de recrutamento interno e, principalmente, do apoio exterior, ressuscitar o movimento e criar uma área livre, independente e socialista dentro do Brasil.

O movimento revolucionário rural, arquitetado pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), em que os seu integrantes tinham o propósito de criar na região do Araguaia uma célula de resistência ao regime militar, que pretendia desencadear uma guerra popular revolucionária, partindo do campo para a conquista da cidade, com a criação de um exército

regular para a posterior tomada do poder, instituindo uma ditadura do proletariado no Brasil, este movimento ficou conhecido como Guerrilha do Araguaia.

Podemos considerar que a Guerrilha do Araguaia aconteceu em cinco etapas: preparação; primeira campanha; segunda campanha; trégua estratégica; e terceira campanha.

O período de preparação ocorreu de 1966 a março de 1972, quando inicia o planejamento e envio dos guerrilheiros para a região com o propósito de reconhecer e estudar o local onde ocorreriam os confrontos e estreitar os laços com a população.

A primeira campanha ocorreu de março a setembro de 1972, quando ocorrem os primeiros confrontos armados e as primeiras baixas, nesta campanha as Forças Armadas, com o efetivo bem reduzido (cerca de 200 homens) tinham a intenção de buscar informações sobre os acontecimentos e por este motivo os contingentes foram formados basicamente por agentes da inteligência das três forças e tropas de conscritos.

A segunda campanha ocorreu em setembro e outubro de 1972, quando se intensificam os confrontos, as Forças Armada já com um efetivo maior (cerca de 3 mil homens) e tropas mais profissionais, aumentando o número de baixas, além disso, as Forças Armadas iniciam ações benignas atuando na população, para realizar ações de guerra psicológica e tentar quebrar assim o vínculo da guerrilha com a população.

A trégua estratégica ocorreu de novembro de 1972 a outubro de 1973, quando as Forças Armadas recuam e começam a planejar e estruturar uma grande ofensiva, por outro lado as Forças Revolucionárias do Araguaia (FRA), com a ausência das tropas do governo, intensifica as suas ações, assalto a propriedades, propaganda revolucionária além de aumentar significativamente o recrutamento de novos guerrilheiros oriundos das cidades e da população.

A terceira campanha ocorreu de outubro de 1973 a dezembro de 1974, quando as Forças Armadas iniciam uma ofensiva definitiva contra a guerrilha com o propósito de

extirpar o movimento, que causou um grande número de baixas e algumas ações, de ambos os lados, que até hoje são questionadas.

A primeira e a segunda campanhas foram realizadas segundo os padrões de combate convencional, da guerra regular com táticas e armamentos convencionais, a partir da terceira campanha as Forças Armadas, de maneira mais organizada e melhor planejada, começa a empregar as táticas de combate a guerra irregular, com efetivos enormes e utilizando “mateiros” recrutados na região, e empregando muito a inteligência.

5. O CONFRONTO DO MODELO TEÓRICO DE GALULA COM A REALIDADE

A proposta deste capítulo é contrapor os aspectos do teoria de contrarreblião de David Galula com a realidade dos acontecimentos que marcaram a Guerrilha do Araguaia com foco no emprego das Forças Armadas brasileiras, analisando, um a um, os tópicos explicitados no capítulo 2 com os fatos explicitados no capítulo 4 do presente estudo, gerando dados que sejam suficientes para concluir se o combate à guerrilha do Araguaia se deu nos moldes da teoria de Galula.

5.1. As características da guerra de contrarreblião

Conforme descrito no capítulo 2, o modelo teórico de Galula postula cinco características fundamentais da guerra de contrarreblião das quais iremos confrontá-las a seguir.

a) Assimetria de forças

Esta característica da teoria aplicada ao combate à guerrilha, pode ser percebida a partir da segunda campanha quando os efetivos chegam a cerca de três mil militares na segunda campanha e posteriormente terceira um número ainda maior, para se contrapor a cerca de 300 homens e mulheres entre guerrilheiros oriundos dos movimentos urbanos e populares locais recrutados.

Além do enorme efetivo de tropas empregado nas duas últimas campanhas, os militares ainda fizeram uso de um aparato de meios e equipamentos de guerra convencional, como aviões de esclarecimento e bombardeio, helicópteros, armamento de grosso calibre e farta munição, contra guerrilheiros que portavam apenas revólveres e mosquetes velhos com munição limitada.

A disparidade de forças entre as Forças Armadas e os guerrilheiros é enorme (MOURA, 1979, p. 45).

Por outro lado, a guerrilha buscou, do início ao fim do movimento, aliciar a população local, fazendo com que seu principal fator de força fosse o capital intangível da confiança da população em contraponto ao vultuoso capital tangível das Forças Armadas brasileiras.

Considerando o exposto, podemos presumir que o conflito em tela contou com a característica de assimetria de forças da teoria.

b) Guerra prolongada

Embora a Guerrilha do Araguaia tenha sido um conflito prolongado que durou quatorze anos, a ação decisiva na terceira campanha do conflito pelas Forças Armadas brasileiras impediu que o movimento perdurasse por mais tempo como aconteceu na Colômbia com as FARC²³ (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) que durou mais de 53 anos.

Sendo assim, presume-se que a característica prolongada do conflito no Araguaia coaduna-se com a teoria.

c) Viés ideológico do rebelde

Esta característica da teoria é evidente em, praticamente, todo o estudo, a causa do rebelde brasileiro no contexto da Guerrilha do Araguaia fica notória na afirmativa de Moura, quando fala que só a liberdade permite a organização de do povo, o debate amplo, a formulação de reivindicações, a criação de associações e sindicatos, o desenvolvimento da coletividade. É essencial para impulsionar a luta e elevar a consciência popular (MOURA, 1979, p. 31).

²³ Forças Armadas Revolucionária da Colômbia foi uma organização paramilitar de inspiração comunista, autoproclamada guerrilha revolucionária marxista-leninista que ocorreu na Colômbia de 1964 a 2017.

O surgimento de uma causa de cunho político-ideológico comunista-socialista foi extremamente simpática à população no Araguaia, considerando o contexto de luta de classes já existente na região, fator que motivou a sua escolha pelo PCdoB para início do movimento.

Com isso, presume-se que esta característica da teoria se coaduna integralmente com a guerrilha.

d) A conquista do povo

A característica da conquista do povo está diretamente vinculada à anterior, ou seja, o viés ideológico de uma causa para luta é fundamental para conquistar a confiança do povo.

Sobre a população, Clovis Moura diz que desde o primeiro momento, os guerrilheiros contam com a simpatia e o apoio caloroso da população, estreitam suas relações com o povo da região do Araguaia, identificam-se com ele. São estimados e estimam sinceramente os que conhecem. Os combatentes se apoiam no povo, nas massas está a sua força (MOURA, 1979, p. 26 - 42). As narrativas evidenciam a importância do fator sedutor de uma causa ideológica neste tipo de conflito.

Como diz a teoria de Galula, esta é a principal característica da guerra de contrarrebeldia, o poder político depende da aquiescência da população, e neste conflito específico vemos claramente que ela é buscada pela guerrilha.

e) O preço do combate à rebeldia

Esta é uma característica que também ocorre no Araguaia, nos capítulos anteriores podemos constatar a disparidade de recursos materiais e humanos das Forças Armadas empregadas no Araguaia, em relação aos guerrilheiros. Como atesta a teoria, o rebelde recorre às táticas de guerrilha em virtude de ter poucos recursos, principalmente no início, ao contrário do contrarrebeldia, no caso das Forças Armadas, tem que empregar uma gama de recursos, pois tem obrigação de manter a ordem institucional.

Essa característica fica notória, principalmente na segunda e terceira campanha do conflito na Araguaia, com o emprego vultuoso dos meios materiais e humanos dos militares (contrarrebeldes).

5.2. Apoio exterior

Dentre os apoios exteriores moral, político, técnico, financeiro e militar citados na teoria, na amplitude abarcada neste estudo, verificamos somente os apoios técnico, da China com treinamento militar e apoio político dos países socialistas comunistas.

É possível que o PCdoB, ou até mesmo a própria FRA, tenha recebido algum apoio financeiro velado, porém, durante a pesquisa estes apoios não ficaram evidenciados e por esse motivo iremos considerar que não receberam.

Embora não exista registros de recebimento de apoio moral exterior, este apoio foi solicitado pelo PCdoB, como vimos no capítulo 4, em uma tentativa “desesperada” depois que o movimento no Araguaia já estava dizimado, disseminando uma vitória ilusória na região.

Podemos projetar que, se o movimento ganhasse um vulto e notoriedade internacional maiores ou se as Forças Armadas não agissem de forma decisiva para eliminar a guerrilha naquele momento evitando que evoluísse para os estágios avançados, os apoios moral e financeiro, fatalmente aconteceriam oriundos dos Estados de mesma ideologia política.

Com isso, podemos entender que, mais uma vez, a teoria coaduna-se com a realidade do conflito em tela.

5.3. A estratégia da rebelião

O modelo ortodoxo (comunista) da estratégia do rebelde, segundo a teoria de Galula, é dividido em cinco fases: criação de um partido; frente unida; fase de guerrilhas; guerra móvel; e campanha de aniquilação. Nesta etapa do estudo, as fases da estratégia do rebelde serão confrontadas com os acontecimentos do conflito no Araguaia.

a) Primeira fase: a criação de um partido

Para esta fase, segundo a teoria, é importante a criação de um partido do proletariado, forte disciplinado e experimentado, e com uma vertente clandestina. No caso do Brasil no Araguaia, o PCdoB, como o próprio diz, é um partido comunista que representa o proletariado brasileiro, cujo braço armado (vertente clandestina) no Araguaia era representado pelas Forças Revolucionárias do Araguaia (FRA). Embora não haja dados do nível de disciplina e experiência dos guerrilheiros, Clovis Moura cita em seu livro, que as FRA possuíam regulamento e hierarquia militares estabelecidas (MOURA, 1979).

A origem da Guerrilha do Araguaia pode ser identificada com a própria emergência do PCdoB (Relatório da CNV, 2014, p. 681).

Considerando o exposto, podemos presumir que o movimento revolucionário do Araguaia cumpre a primeira fase da estratégia em consonância com a teoria.

b) Segunda fase: frente unida

Segundo a teoria, nesta fase o partido procura alianças para formar uma frente unida, com representações ostensivas e clandestinas, simpatizantes à causa comunista. Embora não haja dados suficientes no presente estudo que ateste que o PCdoB buscou alianças com o propósito específico de criar uma frente unida, ou se a união aconteceu naturalmente em função da repressão do regime aos movimentos ideológicos, no Brasil ela aconteceu e, dentro dessa aliança destacamos além do Partido Comunista do Brasil (PCdoB),

a Ação Libertadora Nacional (ALN), a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Movimento de Libertação Popular (Molipo), Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), a Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), a Ação Popular Marxista-Leninista (APML), o movimento estudantil, o Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8) e o Partido Comunista Revolucionário (PCR) (Relatório da CNV, 2014, p. 681).

Esses movimentos participaram ativamente das guerrilhas no Brasil, tanto urbana quanto rural (Araguaia) no período em suas vertentes clandestinas. Tal fato se coaduna com a teoria.

c) Terceira fase: guerrilhas

A teoria diz que a transição para esta fase se dá, principalmente, quando a subversão está produzindo efeitos, a opinião pública está dividida, e quando é improvável uma intervenção externa. No Brasil a guerrilha urbana já produzia esses efeitos, com isso, o PCdoB, se aproveitando do ambiente conflituoso de disputa de terras na região, vê no Araguaia o local propício para a guerrilha rural.

O movimento revolucionário deflagrou esta fase da teoria em 1972 com os primeiros embates com as Forças Armadas na primeira campanha. No decorrer das três campanhas e, mesmo com poucos recursos, os rebeldes seguiram realizando ações de fustigamento, propaganda revolucionária e recrutando adeptos à causa, conforme descrito no capítulo 4.

A confiança da população, fator fundamental para esta fase, embora não em sua totalidade, foi conquistada. No relatório da CNV consta que desde o início em 1966, com a chegada do primeiro grupo de guerrilheiros na região do Araguaia foi harmônica, dado o esforço de integração dos militantes comunistas ao modo de vida da população naquela área (Relatório da CNV, 2014, p. 686).

A terceira campanha foi decisiva para impedir que o movimento evoluísse para as fases seguintes da estratégia do rebelde segundo a teoria de Galula.

Sendo assim, podemos presumir que a teoria, também nesta fase, se coaduna com os acontecimentos e características da Guerrilha do Araguaia.

d) Quarta e quinta fases: guerra móvel e campanha de aniquilação

Embora o presente estudo evidencie que era intenção do movimento estabelecer bases para criação de um exército regular para tomar o poder político no Brasil, a atuação enérgica das Forças Armadas, principalmente na terceira campanha, impediu que ocorresse.

Portanto, mesmo não atingindo o propósito almejado, presumimos, considerando a intenção do movimento revolucionário, que estas fases também coadunam com a realidade.

5.4. A vulnerabilidade do rebelde

Sob a ótica da teoria, no Araguaia podemos identificar três momentos de extrema vulnerabilidade do movimento revolucionário.

O primeiro momento seria durante as duas primeiras fases quando o rebelde depende diretamente da tolerância do contrarrebelle à oposição política que, embora a tolerância política fosse baixa, como a instituição do governo militar fora recente (1964), e o PCdoB (1962) já estava estabelecido no Brasil, as Forças Armadas não puderam usufruir desta vulnerabilidade.

O segundo momento seria no início da fase de guerrilhas, quando as forças revolucionárias e seus recursos são escassos enquanto o poderio contrarrebelle é máximo, porém este momento também não pôde ser explorado pelas Forças Armadas pois, quando a guerrilha foi descoberta (1971) os guerrilheiros já estavam a mais de 5 anos no Araguaia, porém, nesse tempo o movimento não foi capaz de evoluir tanto em termos de capital tangível

(equipamentos, armamento, munição e efetivos atuantes) como em termos de capital intangível.

O terceiro momento seria a transição da fase de guerrilhas para a quarta fase (guerra móvel) quando o rebelde passa a oferecer alvos mais definidos para a contrarrebeldia. Apesar da Guerrilha do Araguaia não ter conseguido evoluir para a quarta fase, a sua tentativa deixou o movimento vulnerável e, nesse caso, as Forças Armadas souberam explorar o momento a seu favor, desfechando ações ofensivas decisivas para exterminar a rebelião.

Considerando o exposto, podemos presumir que, embora não explorada nos primeiros momentos pelos motivos expostos acima, o fator determinante para o sucesso do combate à Guerrilha do Araguaia foi o terceiro momento de vulnerabilidade, muito bem explorado pelas Forças Armadas, confirmando a similaridade da lente teórica, neste aspecto, com a realidade do conflito no Araguaia.

5.5. Os princípios e leis da contrarrebeldia

A estratégia do contrarrebeldia, segundo a teoria de Galula, é regida por princípios: economia de forças, irreversibilidade, iniciativa, plena utilização das vantagens pelo contrarrebeldia, simplicidade e controle de área conquistada; e leis: apoio da população, minoria ativa, ação política na população e intensidade de esforços e magnitude de meios. Esses princípios e leis serão confrontados a seguir com a realidade da Guerrilha do Araguaia.

a) Princípios da contrarrebeldia

Pela teoria, o princípio de irreversibilidade se dá pela influência do contrarrebeldia na população de uma área conquistada, quando as tropas passam a viver na população, lhe proporcionando proteção, de modo a impedir a influência do rebelde. No Araguaia as Forças Armadas realizaram várias ações benignas na tentativa de retomar a confiança da população,

como previsto no princípio irreversibilidade, que acabou por cooptar alguns populares, porém não chegou a ser efetivo a ponto de retomar a confiança da população.

Já o princípio da iniciativa, segundo a teoria, ocorre quando o contrarrebelle pode escolher a área onde vai despende o esforço principal, deixando o rebelde na defensiva. Este princípio foi efetivamente empregado na terceira campanha no Araguaia, pois o trabalho de inteligência realizado nas campanhas anteriores e no período de trégua forneceu informações essenciais para o planejamento e execução da terceira campanha propiciando a iniciativa das ações.

O princípio de plena utilização das vantagens pelo contrarrebelle, segundo a teoria, consiste em concentrar os esforços sobre a população, assim, pressionando a população, o contrarrebelle reduz ao mínimo a rigidez do rebelde e faz pleno uso de suas vantagens, e no Araguaia as Forças Armadas atuaram também na população.

Os agentes de inteligência infiltrados na guerrilha puderam fornecer informações das comunidades e populares que apoiavam o movimento permitindo que fossem realizadas ações cirúrgicas na população.

Como descrito na teoria de Galula, o princípio da simplicidade, consiste em atuar na parcela ativa da população que esteja a favor do contrarrebelle. Embora as Forças Armadas não tenham utilizado essa parcela da população para atuar no imaginário do restante da população para quebrar a influência ideológica da guerrilha, esses foram empregados como guias na mata e fonte de informações.

O sexto e último o princípio da teoria, o controle das áreas conquistadas, consiste em dirigir a guerra pela transferência de meios de uma área mais retardada para uma área mais avançada. No Araguaia, podemos constatar que as Forças Armadas que, na terceira campanha, realizaram uma grande operação, em cerco, partindo das localidades mais externas e avançando para o interior da área dominada pelos rebeldes, conforme descrito no capítulo 4.

Essa manobra visava impedir a fuga dos guerrilheiros, porém, ao mesmo tempo, acabou exercendo o controle das áreas conquistadas, atuando conforme a teoria e, mesmo de forma não intencional, acabou coadunando com a teoria.

b) Leis da contrarrebeldião

O apoio da população, assim como para o rebelde, é fundamental para o contrarrebeldede, pois é nele que o contrarrebeldede tem que atua para desestruturar a rebeldião. Esta é, segundo Galula, a primeira lei da contrarrebeldião. No Araguaia podemos perceber este apoio foi buscado e, já no final do conflito, foi conquistado. O relatório especial de informações nº 4/74 do Centro de inteligência do Exército (CIE), sobre a situação das operações de combate à guerrilha na região do Araguaia, relata como um dos resultados obtidos a conquista da população e seu apoio (ANEXO B, Fig 1).

De acordo com a segunda lei da contrarrebeldião da teoria de Galula, o contrarrebeldede deve atuar na população pela minoria ativa que é contra a causa rebelde. Embora não tenham sido encontrados, neste estudo, relatos ou documentos que atestem o emprego desta lei, constatamos que no Araguaia as Forças Armadas brasileiras contavam com a ajuda de “mateiros” que auxiliaram ativamente nas buscas aos guerrilheiros.

A terceira lei, a ação política na população dominada, consiste em atuar diretamente na parcela hostil ao contrarrebeldede após a conquista da área. Para o conflito no Araguaia, relacionado à esta lei, também não foram encontrados relatos de ações de políticas na população dominada, porém, como descrito no relatório de informações do CIE, o apoio da população foi conquistado ao final da terceira campanha, podemos presumir então, que não foi necessário empregá-la.

Já a quarta lei da contrarrebeldião, a intensidade de esforços e magnitude de meios, que é a última lei da teoria de Galula, na terceira campanha do Araguaia, como podemos

constatar no capítulo 4 do presente estudo, foi plenamente utilizada pelas Forças Armadas brasileiras dada a vultuosidade dos recursos empregados.

Por fim, podemos presumir que os princípios e leis da contrarrebeldião, constantes na teoria de David Galula, de uma forma ou de outra, intencionalmente ou não, foram aplicados no combate à Guerrilha do Araguaia, fato que atesta a sua aderência.

6. CONCLUSÃO

Não temos elementos de análise histórica, política ou sociológica para dizer se o movimento revolucionário foi certo ou errado, mesmo porque, um julgamento nesta altura dos acontecimentos não se justifica.

O fator apaixonante de uma causa ideológica como a que foi explorada pelo PCdoB para buscar o apoio da população local no Araguaia (luta do trabalhador rural pobre contra o grande empresário/proprietário de terra “apoiado” pelo governo “opressor”), tornou extremamente complexa a ação das Forças Armadas brasileiras no combate aos guerrilheiros. Porém, como atesta a teoria de contrarrebeldião de David Galula utilizada como lente para o presente estudo, esta é uma característica fundamental deste tipo de guerra irregular.

Em que pese o alto grau de complexidade e duração prolongada da guerra de guerrilhas, as Forças Armadas atuaram de maneira firme e cirúrgica, eliminando o movimento revolucionário no Araguaia, antes que pudesse estabelecer um exército regular e evoluir para a tomada do poder estabelecido.

O empenho da Forças Armadas, principalmente na terceira campanha, aliado ao sentimento de que estariam perdendo, fez com que o PCdoB e as lideranças das FGA tivessem que acelerar algumas ações como, o recrutamento de civis, intensificar a propaganda interna e externa da revolução e solicitação de apoios exteriores sem ter consolidado o domínio político na área da região do Araguaia.

Com isso, as Forças Armadas brasileiras puderam atingir o movimento revolucionário no momento em que estava mais vulnerável, tentando passar da terceira fase (guerra de guerrilhas) para a quarta fase (guerra de movimento).

Por fim, confrontando os aspectos da teoria, listados no capítulo 2 com os acontecimentos que deram origem ao movimento de guerrilha no Araguaia, descritos no

capítulo 3, aliados ao desenvolvimento da guerrilha exposto no capítulo 4 e ainda, considerando o contexto do mundo e do Brasil no período, podemos presumir que a realidade da Guerrilha do Araguaia se coaduna com a teoria de contrarrebeldião de David Galula até a fase de guerrilhas (terceira fase), muito em virtude de o movimento não ter conseguido evoluir para as fases seguintes (guerra móvel e campanha de aniquilação).

REFERÊNCIAS

AMORIM, C. Araguaia: Histórias de amor e de guerra. Rio de Janeiro: Record, 2014.

Comissão Nacional da Verdade (CNV). Relatório, Volume I, 2014. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_1_digital.pdf> Acesso em: 11 jul 2018.

DOMINGUES, J. Ester e LEITE, L. Paranhos. História: O Brasil em foco. São Paulo: Editora FDT S/A, 1996.

GALULA, D. Teoria e Prática da Contra-Rebelião. Tradução de Donaldson M. Garshagen. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1966. 149p. Versão inglesa de: Frederick A. Praeger, Inc., 1964. Original francês.

MOURA, C. Diário da Guerrilha do Araguaia. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979.

SKIDMORE, T. E. Uma História do Brasil. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 1998.

STUDART, H. A Lei da Selva. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

VISACRO, A. Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA MAS NÃO REFERENCIADA

BRASIL, Documentos da Guerrilha <https://www.documentosrevelados.com.br/wp-content/uploads/2015/06/documentos-e-relatorios_araguaia_parte1.pdf> Acesso em: 14 jun. 2018.

MADRUGA, A. Guerrilha do Araguaia Revanchismo: A Grande Verdade. Brasília: Editora Brasília, 2002.

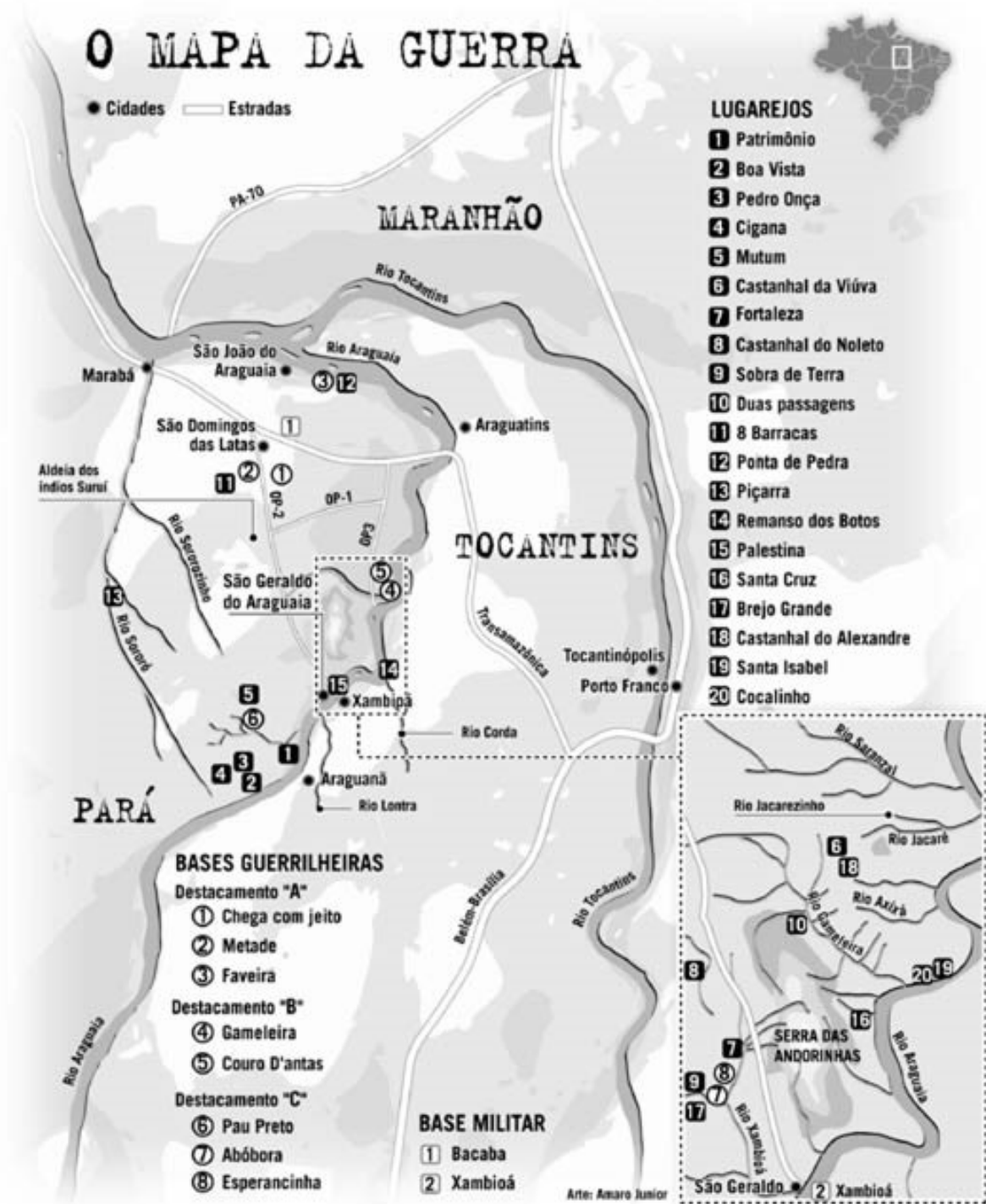
MAKLOUF, L. O Coronel Rompe o Silêncio. São Paulo: Editora Objetiva, 2004.

ANEXO A – Mapas da Guerrilha



MAPA 1 – Região da Guerrilha do Araguaia

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Regiao_Guerrilha_do_Araguaia.png> Acesso em: 14 jun. 2018.



MAPA 3 – O Mapa da Guerra

Fonte: < <http://guerrilhaaraguaia.blogspot.com/p/mapa-das-buscas.html> > Acesso em: 14 jun. 2018.

ANEXO B – Parcela do Relatório Especial de Informações do CIE

S E C R E T O



(CONTINUAÇÃO DO RELATÓRIO ESPECIAL DE INFORMAÇÕES Nº 4/74 E. - 12)

tradas, etc.

(d) - Moral

O moral tem se mantido bastante elevado, e a confiança da tropa em operar na área, vem crescendo conforme vai se familiarizando com a selva. Os receios iniciais de penetrar na mata, já desapareceram totalmente.

(e) - Apoio da população

Os mesmos homens que, inadvertidamente, vinham apoiar a ação guerrilheira, estão oferecendo apoio irrestrito às Forças Legais, como guias, com alimentos e informações. A confiança e o apoio reconquistadas pela nossa tropa, por sua ação continuada, atravessando época de chuvas e festas natalinas, sem afastar-se da área, fizeram com que os guerrilheiros deixassem de procurar suas casas.

(f) - Resultados obtidos

Ao cabo de 3 (três) meses de operação pudemos alinhar os seguintes resultados:

- Reconquista da população e seu apoio;
- Destruição de mais de 70% dos estoques de suprimentos do inimigo;
- Destruição de sua oficina de armas e impressora;
- Levantamento da maior parte das áreas de homizic;
- Apreensão de 30% de seu equipamento e 20% de seu armamento;
- 50% de perdas na Comissão Militar, com a neutralização do Comandante Geral;
- 50% de perdas nos Comandos de Destacamentos e Grupos (incluído 2 dos 3 Cmt Dst);
- 40% de perdas no total dos combatentes do Partido e 75% de perdas nos combatentes recrutados na área.

FIGURA 1 – Página 12 do relatório especial de informações nº4/74 do CIE

Fonte: <https://www.documentosrevelados.com.br/wp-content/uploads/2015/06/documentos-e-relatorios_araguaia_parte1.pdf> Acesso em: 14 jun. 2018.